



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



EDUARDA DIAS RIBEIRO

**OURO PRETO ENTRE LUZ, SOMBRA: Narrativas e marcas do
patrimônio histórico de Ouro Preto, por intermédio da fotografia**

Mariana - MG

2025

EDUARDA DIAS RIBEIRO

**OURO PRETO ENTRE LUZ, SOMBRA: Narrativas e marcas do
patrimônio histórico de Ouro Preto, por intermédio da fotografia**

Memorial descritivo de produto jornalístico
apresentado ao curso Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Dr. Rondon Marques Rosa

Mariana - MG

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D541o Dias, Eduarda.

Ouro Preto entre luz, sombra [manuscrito]: narrativas e marcas do patrimônio histórico de Ouro Preto, por intermédio da fotografia. / Eduarda Dias. Eduarda Dias Ribeiro. - 2025.
30 f.

Orientador: Prof. Dr. Rondon Marques Rosa.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Comunicação. 2. Fotografia - Ouro Preto (MG). 3. Patrimônio comum da humanidade (Direito internacional público) - Ouro Preto (MG). 4. Sombras - Ouro Preto (MG). 5. Ouro Preto (MG). I. Ribeiro, Eduarda Dias. II. Rosa, Rondon Marques. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 77(083.824)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Eduarda Dias Ribeiro

OURO PRETO ENTRE LUZ, SOMBRA:

Narrativas e marcas do patrimônio histórico de Ouro Preto, por intermédio da fotografia

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 10 de abril de 2025.

Membros da banca

Prof. Dr. Rondon Marques Rosa - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Ana Carolina Lima Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Mestranda Gabriela Carneiro Gomes - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Rondon Marques Rosa, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/05/2025



Documento assinado eletronicamente por **Rondon Marques Rosa, CHEFE DE GABINETE**, em 08/05/2025, às 09:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0906603** e o código CRC **DAEA4A17**.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para a conclusão deste trabalho. Primeiramente, agradeço ao meu primeiro orientador, André Carvalho, pela orientação, apoio e valiosas sugestões ao longo deste processo. Agradeço também ao meu atual orientador, Dr. Rondon Marques Rosa, pela dedicação, paciência e contribuições fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Sou grata aos meus familiares pelo carinho, amor, incentivo e compreensão durante toda a jornada acadêmica. Agradeço aos amigos e colegas que compartilharam seus conhecimentos e experiências, tornando esta jornada mais rica e prazerosa.

Expresso minha gratidão a todas as fontes de inspiração, literatura e recursos que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para este projeto.

"Ouro Preto é mais do que uma relíquia do passado; é um exemplo vivo de saudade e esperança, uma prova irrefutável do que o Brasil foi e pode ser." (ARINOS, 1980).

RESUMO

Este trabalho explora a criação de um fotolivro digital que une fotografia e texto como ferramentas de valorização do patrimônio histórico. Com foco na interação entre luz e sombra, o projeto busca reinterpretar a arquitetura colonial de uma cidade histórica, destacando sua relevância cultural e social. As fotografias, organizadas de forma cronológica e temática, capturam elementos como fachadas, telhados, ruas de paralelepípedos e áreas verdes, além de cenas cotidianas que humanizam e aproximam o leitor da comunidade local. Os textos que acompanham as imagens combinam informações históricas, poesias e reflexões pessoais, e promovem uma leitura sensorial e afetiva. A obra enfatiza a dualidade entre a beleza estética dos territórios coloniais e os aspectos históricos mais dolorosos, convidando à reflexão sobre o impacto do colonialismo. O processo criativo envolveu uma abordagem técnica cuidadosa, explorando contrastes, ângulos e exposição para capturar a essência. O trabalho finaliza com uma reflexão sobre a preservação do patrimônio cultural e ambiental, reforçando sua importância para gerações futuras. Nesse sentido, este fotolivro não é apenas um registro visual, mas um convite à contemplação e à ação, promovendo uma conexão emocional e crítica com a história e a identidade da cidade histórica.

Palavras-chave: Comunicação; fotografia; luz e sombra; Ouro Preto; patrimônio.

ABSTRACT

This work explores the creation of a digital photobook that combines photography and text as tools for valuing historical heritage. Focusing on the interaction between light and shadow, the project seeks to reinterpret the colonial architecture of a historic city, highlighting its cultural and social relevance. The photographs, organized chronologically and thematically, capture elements such as facades, roofs, cobblestone streets and green areas, as well as everyday scenes that humanize and bring the reader closer to the local community. The texts that accompany the images combine historical information, poetry and personal reflections, and promote a sensorial and affective reading. The work emphasizes the duality between the aesthetic beauty of colonial cities and the most painful historical aspects, inviting reflection on the impact of colonialism. The creative process involved a careful technical approach, exploring contrasts, angles and exposure to capture the essence of the city. The work ends with a reflection on the preservation of cultural and environmental heritage, reinforcing its importance for future generations. In this sense, this photobook is not just a visual record, but an invitation to contemplation and action, promoting an emotional and critical connection with the history and identity of historic cities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Vista panorâmica da Rua Direita.	14
Figura 02: Vista da esquina que liga a Rua Getúlio Vargas com o Pilar.	15

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MG – Minas Gerais

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. OURO PRETO: UM MUSEU A CÉU ABERTO	12
1.1 As sombras como elemento de narrativa na cidade histórica	17
1.2 A herança arquitetônica do período colonial	19
1.3 A fotografia como ferramenta de investigação visual	20
1.4. Luz e Sombra: narrativas visuais da história	22
2. A CONSTRUÇÃO VISUAL DA ARQUITETURA PELA FOTOGRAFIA	24
2.1 A luz na fotografia: teoria e prática	24
2.2 Sombra como elemento compositivo: criando narrativas visuais	26
2.3 Fotografia e Arquitetura: uma interseção artística e técnica	27
3. A INTERAÇÃO ENTRE LUZ, SOMBRA E ARQUITETURA COLONIAL	29
3.1 Projeto do fotolivro	30
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
	35

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho surgiu a partir da vivência e da conexão profunda com as casas históricas de Ouro Preto. Mais do que o simples fato de abrigarem famílias, essas casas representam espaços que moldaram e continuam moldando culturalmente aqueles que as habitam. Exemplo disso é a autora desta pesquisa, que se tornou uma mulher com uma identidade e um reconhecimento ligados à história e à arquitetura local. Nesse contexto, a fotografia se apresentou como uma ferramenta única para explorar e intensificar esse vínculo, permitindo uma conexão mais íntima com as memórias de Ouro Preto.

Ouro Preto é uma cidade que carrega em suas construções e ruas as marcas de um passado vibrante e complexo. Cada esquina tem uma história para contar, e cada pedra da calçada revela um capítulo da formação social e política da cidade. A luz desempenha um papel fundamental na fotografia, especialmente quando se trata da arquitetura colonial. Ela revela formas, cria contrastes e dá nova vida aos detalhes esculpidos ao longo dos séculos. Por isso, este trabalho propõe explorar as técnicas de luz e sombra na fotografia como ferramentas para reinterpretar a arquitetura histórica, evidenciando a relação simbólica entre esses elementos e oferecendo uma nova forma de perceber o patrimônio arquitetônico. Através do jogo de luz, busca-se destacar a textura, a profundidade e a intencionalidade dos detalhes presentes nas fachadas das casas, que resistem ao tempo. Ao mesmo tempo, a sombra oferece uma leitura mais densa e simbólica, evocando as ausências, os silêncios e as histórias não contadas que ainda habitam o espaço.

Ao refletir sobre a arquitetura de Ouro Preto, como mulher preta e periférica, a autora mistura sua admiração por essas construções com uma consciência crítica sobre o passado colonial, marcado pela escravidão, pela exploração e pelo sofrimento dos povos indígenas e africanos. Essas casas não são apenas estruturas antigas; são testemunhas de um período de desigualdade e resistência, carregando histórias de lutas e conquistas que ainda permanecem vivas na memória. Cada detalhe arquitetônico, cada elemento decorativo presente nessas construções, carrega em si um reflexo da história de opressão, mas também da resistência e do fortalecimento das comunidades que, apesar de todas as adversidades, se reconstruíram, resistiram e sobreviveram.

Neste contexto, o estudo parte da hipótese de que a interação entre luz e sombra não apenas valoriza os elementos arquitetônicos, mas também desperta no observador uma nova forma de

se conectar com o passado histórico da cidade colonial. A fotografia, com seu poder de capturar e traduzir momentos e ambientes, pode criar uma experiência sensorial e emocional que permite revisitar a história de maneira mais profunda e introspectiva. A luz, que pode ser suave e acolhedora ou forte e desafiadora, se transforma em uma metáfora para a própria história de Ouro Preto: um lugar onde o belo e o brutal coexistem, e onde as marcas de um passado doloroso continuam a moldar a realidade do presente.

O produto final deste trabalho é um fotolivro, que busca traduzir visualmente essa experiência de luz e sombra na arquitetura colonial de Ouro Preto. As imagens capturadas terão como foco os detalhes característicos dessa arquitetura, como janelas ornamentadas, telhados de telha e ruas de paralelepípedos, que contrastam com o cotidiano atual. O objetivo é criar uma narrativa visual que una técnica fotográfica e reflexão crítica sobre a história. Ao reunir imagens da arquitetura colonial ao lado de cenas do cotidiano contemporâneo, o fotolivro busca não apenas documentar o espaço físico, mas também sugerir um diálogo entre o passado e o presente, evidenciando como os vestígios da história ainda moldam a cidade e a vida de seus habitantes. Além disso, ele não se limita apenas à documentação visual, mas também se propõe a provocar uma reflexão sobre a dualidade da arquitetura histórica, evidenciando não só a beleza — visível a olho nu — das construções, mas também o peso simbólico de um período de opressão e exploração.

A arquitetura colonial de Ouro Preto, ao mesmo tempo que encanta com sua grandiosidade e detalhes minuciosos, também remete a um passado de exploração e resistência, convidando à reflexão sobre as cicatrizes invisíveis que ainda existem na cidade. A intenção da autora com este trabalho é promover uma reflexão crítica sobre a importância histórica e cultural de Ouro Preto, contribuindo para o entendimento e a valorização do seu patrimônio. A fotografia, ao mesmo tempo que documenta, carrega consigo uma mensagem de resistência e valorização da memória. Ao destacar os elementos que resistem ao tempo, busca-se também evidenciar as histórias de luta e transformação que permeiam a vida cotidiana de Ouro Preto. Ou seja, o fotolivro não é apenas uma obra estética, mas uma plataforma de reflexão sobre o peso histórico de cada construção, sobre as narrativas que se entrelaçam nos detalhes das fachadas e das ruas. Portanto, não é apenas uma coleção de imagens, mas uma homenagem à memória coletiva e à resistência das gerações que seguiram carregando as marcas de um passado doloroso.

Com isso, ele propõe uma nova forma de ver a cidade, que vai além da simples admiração estética, promovendo uma compreensão mais profunda e sensível de sua herança cultural e histórica. Ouro Preto, com seu patrimônio arquitetônico e suas histórias de resistência, merece ser reconhecida não apenas por sua beleza, mas também por sua capacidade de transformar as experiências de vida e os sentidos de pertencimento de quem nela vive. Este trabalho visa, portanto, resgatar a memória do espaço, das pessoas e dos sujeitos históricos que, ao longo dos séculos, foram moldados e marcaram a cidade. Ao olhar para a arquitetura histórica e suas interações com a luz e a sombra, a autora tenta contar uma história mais ampla, que se estende para além das paredes e dos monumentos, alcançando os corpos e as subjetividades daqueles que, direta ou indiretamente, ainda carregam as marcas desse legado.

Este memorial está estruturado em capítulos que conduzem o leitor por um percurso reflexivo sobre a relação entre luz, sombra e arquitetura histórica, tendo como plano de fundo a cidade de Ouro Preto. A seguir, apresenta-se a divisão do trabalho, destacando os principais aspectos abordados em cada seção. O primeiro capítulo, "Introdução", contextualiza a motivação da autora para a realização deste estudo e estabelece os objetivos centrais da pesquisa. Aqui, são apresentadas as questões norteadoras que permeiam a investigação, bem como a relevância do tema na interseção entre fotografia, arquitetura e memória histórica. O segundo capítulo, "Contextualização", explora a história de Ouro Preto, enfatizando sua importância como patrimônio cultural e sua relação com o passado colonial do Brasil. A cidade é apresentada não apenas como um conjunto arquitetônico, mas como um espaço carregado de significados e histórias que refletem tanto a grandiosidade do barroco mineiro quanto as marcas de um passado de exploração e resistência.

No terceiro capítulo, "Referencial Teórico", são discutidos os principais conceitos que fundamentam a pesquisa. A análise se baseia em teorias da fotografia, estudos sobre luz e sombra na composição visual e abordagens críticas sobre patrimônio e memória. Também são introduzidos autores que debatem a fotografia como um meio de interpretação e ressignificação do espaço urbano. O quarto capítulo, "Resultados do Trabalho", apresenta as imagens selecionadas para o fotolivro e descreve as técnicas fotográficas utilizadas para capturar a interação entre luz e sombra na arquitetura colonial. Cada imagem é analisada a partir de sua composição e do impacto visual gerado pelo contraste entre luz e escuridão, destacando os detalhes arquitetônicos que evocam tanto a beleza quanto a história contida nas construções. Por fim, o quinto capítulo, "Conclusão", sintetiza as reflexões desenvolvidas ao longo do estudo e reforça a contribuição do trabalho para a compreensão da arquitetura

histórica sob uma nova perspectiva. A autora discute as implicações da pesquisa para a valorização do patrimônio cultural e destaca como a fotografia pode ser uma ferramenta poderosa para revisitar e reinterpretar narrativas históricas.

Com essa estrutura, o memorial busca apresentar uma visão abrangente sobre a importância da luz e da sombra na fotografia de arquitetura, utilizando a cidade de Ouro Preto como um laboratório visual e conceitual para a investigação. Além disso, o memorial também reflete sobre a experiência pessoal da autora como fotógrafa e pesquisadora, destacando como sua vivência em Ouro Preto influenciou sua percepção e sua história. O trabalho não se limita apenas ao aspecto técnico da fotografia, mas busca ampliar o entendimento sobre o impacto do patrimônio arquitetônico na construção da identidade e da memória coletiva, promovendo um olhar sensível e crítico sobre o passado e o presente dessa cidade histórica.

Complementarmente, a obra de Paulo Hicker (2008) contribui para pensar a cidade como espaço de exclusões e tensões. Em *A cidade e seus excluídos*, o autor propõe que o espaço urbano carrega não apenas construções, mas também relações de poder que moldam a forma como pertencemos — ou não — a determinados territórios. Essa reflexão foi essencial para compreender que, apesar de ser moradora de Ouro Preto desde a infância, meu olhar sobre a cidade foi, durante muito tempo, marcado pela sensação de deslocamento. O discurso oficial e o imaginário turístico colocam determinados corpos — especialmente os corpos negros e periféricos — nas margens da narrativa urbana. Ao reconhecer esse atravessamento, assumi um posicionamento visual que busca reposicionar esses corpos e esses olhares no centro da construção da memória.

A arquitetura, portanto, aparece nas imagens não como objeto de contemplação, mas como cenário para a vida que acontece. Essa escolha desloca o foco da monumentalidade para a experiência cotidiana, abrindo espaço para que a cidade seja percebida como território vivido, apropriado e habitado. Ao privilegiar detalhes, texturas e interações humanas, o trabalho propõe uma leitura mais sensível e complexa de Ouro Preto, que articula o passado e o presente como camadas indissociáveis de um mesmo tecido histórico.

Nesse sentido, o fotolivro constrói uma conexão entre o tempo histórico e o tempo vivido, evidenciando como o passado colonial ainda reverbera no presente — seja nas desigualdades urbanas, seja nas práticas de resistência e ocupação simbólica dos espaços. O uso da luz e da

sombra, além de elemento compositivo, assume aqui uma função simbólica: revelar aquilo que a história tenta esconder, iluminar o que permanece à margem.

Por fim, cabe reconhecer que este processo foi também um exercício de autocrítica. Fotografar uma cidade que me atravessa exige enfrentar tanto os limites técnicos quanto os afetivos. A dificuldade em representar o que é tão familiar sem cair em lugares comuns, assim como a responsabilidade de propor uma narrativa contra-hegemônica, foram desafios constantes. Ainda assim, é justamente esse olhar enraizado na vivência e na escuta periférica que dá potência ao trabalho. O que aqui se apresenta não é apenas um conjunto de imagens, mas uma proposta de leitura visual da cidade que reconhece seus silêncios, suas ausências e sua capacidade de contar histórias para além das fachadas.

1. Ouro Preto: um museu a céu aberto

Ouro Preto, reconhecida como uma das primeiras cidades tombadas pelo IPHAN, destaca-se como uma composição única de memórias que atravessam gerações. Suas casas históricas e ruas de pedras carregam histórias que ecoam pelos séculos, oferecendo um espetáculo visual que transcende o tempo e conecta passado e presente. Cada casa, cada fachada e cada detalhe arquitetônico conta um capítulo da formação cultural e artística do Brasil colonial. Nesse sentido, este ensaio fotográfico se propõe a ir além de um simples álbum ou catálogo; ele busca ser uma expressão visual das marcas do tempo que moldam o cotidiano contemporâneo da cidade e preservam sua essência histórica

Figura 01: Vista panorâmica da Rua Direita.



Fonte: acervo da autora.

A fotografia panorâmica da Rua Direita (figura 01) captura a extensão dessa via histórica, destacando a disposição harmoniosa das casas ao longo de seu percurso. As construções, com suas fachadas sóbrias e telhados que interagem diretamente com o ambiente urbano, refletem as características marcantes da arquitetura colonial. A cidade preserva sua autenticidade, mantendo-se fiel ao estilo original, sem a excessiva interferência de elementos modernos. Este enquadramento proporciona uma visão ampla e genuína da paisagem histórica, permitindo ao observador se conectar de forma autêntica com o espaço, sem idealizações. As sombras, nesse contexto, desempenham um papel fundamental ao adicionar profundidade à cena, realçando ainda mais a composição arquitetônica e acentuando seus detalhes sutis.

Figura 02: Vista da esquina que liga a Rua Getúlio Vargas com o Pilar



Fonte: acervo da autora.

Na fotografia da Rua Getúlio Vargas, destaca-se a riqueza dos detalhes arquitetônicos e urbanísticos. Os telhados, cobertos por telhas cerâmicas, e os muros de pedra transmitem uma sensação de permanência e solidez, refletindo a longevidade histórica das construções. As janelas e portas, com variações de estilos e cores, revelam ornamentos que evidenciam a criatividade e o refinamento do período colonial. Elementos como vergas esculpidas e molduras ornamentadas realçam a singularidade das fachadas, convidando o observador a admirar a riqueza estética e a complexidade dessas obras do passado.

Este memorial é composto por capítulos que guiam o leitor e o observador por uma jornada única. Cada fotografia vai além de uma simples imagem estática; é um fragmento de uma narrativa histórica que conecta as marcas do tempo à beleza resiliente dessas construções. O objetivo não é romantizar o período colonial, mas oferecer uma visão crítica e honesta das cicatrizes deixadas pela história, evidenciando tanto o esplendor arquitetônico quanto os traços de uma época marcada por desigualdades e exploração. O fotolivro busca apresentar Ouro Preto como algo maior do que uma cidade ou unidade administrativa, transformando-a

em um verdadeiro museu a céu aberto. Ele não apenas aborda a estética das construções, mas também as histórias que elas carregam, unindo técnica fotográfica, arte e reflexão.

Cada capítulo foi estruturado para revelar como essas casas resistiram ao desgaste do tempo, preservando a essência histórica de Ouro Preto. O trabalho também reflete sobre a importância da preservação dessas memórias e o impacto contínuo do colonialismo na sociedade atual. As imagens capturam a grandiosidade de elementos como telhados e fachadas, ao mesmo tempo em que destacam a simplicidade do cotidiano dos moradores atuais, criando um contraste que reforça a conexão entre o passado e o presente.

Ao explorar Ouro Preto por meio deste ensaio fotográfico, o objetivo é despertar uma apreciação mais profunda pelo patrimônio cultural que nos cerca. Cada fachada, rua e pedra tornam-se partes vivas de uma história que ainda ressoa, convidando-nos a celebrar a permanência de sua riqueza arquitetônica, urbana e humana. Ouro Preto é uma testemunha do tempo, um espaço onde a história ganha forma e nos convida a desvendar suas camadas de beleza, memória e identidade.

1.1 As sombras como elemento de narrativa na cidade histórica

Nas cidades históricas, como Ouro Preto, as sombras vão além de um efeito estético; elas desempenham um papel fundamental na narrativa visual e histórica desses espaços. Com foco na arquitetura colonial, a interação entre luz e sombra revela nuances frequentemente imperceptíveis, criando um diálogo único e carregado de significado.

As sombras projetadas pelas fachadas, telhados e esquinas das ruas de pedra parecem contar histórias ocultas. Elas destacam detalhes arquitetônicos como as curvas das molduras das janelas, as irregularidades das telhas de cerâmica e os contornos dos muros de pedra. Ao longo do dia, conforme o sol percorre o céu, essas sombras se transformam, criando uma dinâmica que dá vida à arquitetura, quase como se as construções dançassem ao ritmo da luz.

Além de seu efeito visual, as sombras têm uma função prática, contribuindo para o conforto térmico. Em um período sem climatização moderna, as ruas estreitas e as construções próximas umas das outras formavam áreas sombreadas que protegiam os moradores do calor intenso. Esse aspecto arquitetônico, ao mesmo tempo funcional e estético, reforça a integração entre beleza e utilidade.

Culturalmente, as sombras evocam um simbolismo profundo, refletindo a dualidade entre luz e escuridão, glória e sofrimento, progresso e exploração. Em Ouro Preto, caminhar pelas ruas e observar as sombras projetadas é vivenciar essa dualidade de forma tangível, onde a beleza arquitetônica se entrelaça com as memórias históricas que ainda reverberam.

Neste ensaio fotográfico, as sombras foram exploradas como um elemento visual que vai além da composição estética, levando em conta os horários do dia, os ângulos de captura e os desafios enfrentados no processo. Cada decisão, desde a luz suave da manhã até os contrastes do meio-dia, foi intencional para explorar como a variação da luz e sombra pode alterar a percepção de um mesmo espaço.

As adversidades, como mudanças climáticas, interferências contemporâneas e a imprevisibilidade da luz natural, se tornaram parte do desafio criativo. Elas não só testaram os limites técnicos da fotografia, mas enriqueceram o processo artístico, proporcionando novas perspectivas e interpretações dos cenários. As sombras criam profundidade, destacam texturas e adicionam uma dimensão emocional às imagens, permitindo que cada fotografia carregue uma narrativa única. Elas oferecem ao observador uma experiência imersiva, revelando detalhes que antes eram invisíveis e revelando camadas de história e simbolismo.

Assim, as sombras não apenas complementam a luz, mas a desafiam, estabelecendo um diálogo visual que transcende o óbvio e ressignifica os espaços retratados. Elas sublinham a beleza arquitetônica e, ao mesmo tempo, evocam a memória coletiva, reforçando a complexidade e a riqueza das histórias que Ouro Preto carrega ao longo dos séculos.

1.2 Ouro Preto: Onde luz e sombra revelam a história

Ouro Preto, com sua arquitetura colonial rica em detalhes, é um convite visual à exploração das interações entre luz e sombra. As formas geométricas, os detalhes ornamentais e as texturas das fachadas criam uma tela dinâmica, onde o jogo entre luz e sombra atua como um elemento transformador. Neste trabalho, busca-se revelar como esses elementos influenciam a percepção estética e simbólica desses espaços, utilizando a fotografia como ferramenta investigativa.

Nesse contexto, Ouro Preto se destaca como um dos maiores expoentes da arquitetura colonial no Brasil. Fundada no século XVII durante a corrida do ouro, a cidade é um

verdadeiro museu a céu aberto, onde suas ruas de pedra e construções históricas narram a riqueza e o esplendor de um período marcado pela busca incessante pelo metal precioso. Situada nas montanhas de Minas Gerais, Ouro Preto é caracterizada por mais de uma dezena de igrejas ornamentadas, casarões com sacadas de ferro trabalhado e um urbanismo que dialoga com o relevo acidentado, criando cenários únicos para o jogo de luz e sombra.

Além de ser um importante patrimônio histórico e cultural, Ouro Preto oferece ao olhar fotográfico a oportunidade de capturar como a luz natural interage com as superfícies arquitetônicas ao longo do dia. Pela manhã, a luz suave ressalta os detalhes das fachadas; à tarde, cria contrastes dramáticos que acentuam a geometria das construções; à noite, a iluminação artificial adiciona uma nova camada de interpretação visual, destacando os aspectos mais emblemáticos da cidade. Como enfatiza Silva (2018), “a cidade oferece a quem por ela passa uma experiência multissensorial, uma vez que essa dimensão humana da cidade, somada às possibilidades técnicas e artísticas da fotografia, faz de Ouro Preto um objeto de estudo fascinante para explorar a relação entre luz, sombra e memória cultural.” Nas palavras do autor, “a experiência de caminhar pelas ruas de Ouro Preto vai além do contato com a arquitetura; é uma vivência sensorial que conecta o visitante à história, cultura e emoções que marcam o local” (SILVA, 2018, p. 38).

O objeto deste estudo, portanto, é a arquitetura colonial da cidade histórica brasileira, com foco especial no município de Ouro Preto. Através da fotografia, este trabalho busca explorar como a luz e a sombra interagem com as fachadas e os detalhes arquitetônicos, destacando aspectos estéticos e simbólicos desses espaços. A fotografia não é apenas um registro, mas uma ferramenta interpretativa que permite capturar e realçar a atmosfera, as emoções e as narrativas visuais desses cenários.

Historicamente, a arquitetura colonial brasileira reflete uma combinação de influências europeias e locais. Edifícios projetados para equilibrar funcionalidade e ornamentação deram origem a um legado arquitetônico singular. Em cidades como Ouro Preto, Mariana e Paraty (RJ), essa herança foi preservada, proporcionando um cenário rico para o olhar atento do fotógrafo. Como observa Pereira (2020, p. 42), “a arquitetura dessas cidades é muito mais do que pedras e cal; é um reflexo vivo da história, cultura e das emoções que moldaram a sociedade brasileira.”

A caracterização arquitetônica das casas coloniais de Ouro Preto no período colonial é um testemunho vivo da herança cultural e histórica da cidade. Construídas no século XVII, durante a corrida do ouro, essas casas representam um legado vibrante da história de Ouro Preto. Situada nas encostas de um estreito vale entre montanhas sinuosas de Minas Gerais, a cidade tem suas raízes na união de diversos arraiais de garimpo de ouro no início do século XVIII. A riqueza das jazidas douradas justificou seu primeiro nome, Vila Rica, sendo renomeada em 1720 para Ouro Preto.

Seguindo essa linha de pensamento, o contraste entre luz e sombra nesses ambientes não apenas ressalta os aspectos arquitetônicos, mas também evoca uma atmosfera de mistério e nostalgia. Essa sensação é profundamente humana: caminhar pelas ruas estreitas de pedras, onde o tempo parece ter parado, provoca reflexões sobre o passado e sobre a relação entre espaço e identidade.

Além disso, a conservação da cidade é um testemunho do esforço coletivo em preservar um patrimônio que conecta gerações. Cada detalhe – desde os sinos das igrejas até as varandas floridas – conta uma história, e a fotografia se torna um meio poderoso de capturar não apenas a beleza, mas também as emoções que esses lugares inspiram. Assim, Ouro Preto se torna um espelho da alma brasileira e um lembrete de que o passado continua vivo em cada pedra, sombra e raio de luz.

“Nada no Brasil se compara a Ouro Preto e, pode-se mesmo dizer que, concentrada a visão no período da civilização ocidental em que ela se insere, nenhuma cidade do mundo oferece valores tão representativos da criatividade cultural da época, tomada indistintamente no seu conjunto de artes plásticas, poesias, música, urbanismo e ideias políticas. Ouro Preto é hoje tradição venerável porque foi a seu tempo, ímpeto, invento e renovação. Da Colônia ao Império à República, a vida ouro-pretana é uma fonte perene de história, de arte, de pensamento. Por isso, ela é relíquia e exemplo de saudade e esperança. Quem sabe o que é Ouro Preto não pode duvidar do Brasil” (Afonso Arinos, 1980).

Nesse sentido, a citação de Afonso Arinos reflete a singularidade de Ouro Preto, destacando não apenas sua importância histórica, mas também sua relevância cultural, que perdura ao longo do tempo. Arinos apresenta a cidade como um símbolo de criatividade e renovação, capaz de reunir em si diferentes expressões artísticas e ideológicas, desde o período colonial até a contemporaneidade. A ênfase na cidade como "fonte perene de história, de arte, de pensamento" sugere que Ouro Preto não é apenas um reflexo do passado, mas também um espaço dinâmico, que continua a influenciar a identidade cultural do Brasil. Sua descrição de

Ouro Preto como "reliquia e exemplo de saudade e esperança" destaca a dualidade emocional que a cidade evoca: a nostalgia do passado e a possibilidade de um futuro promissor. Assim, esta citação nos leva a refletir sobre como a cidade, com sua rica arquitetura e história, se apresenta como um patrimônio vivo, contínuo, que ultrapassa o valor material e se transforma em um símbolo de resistência cultural.

1.3 A herança arquitetônica do período colonial

A arquitetura colonial brasileira reflete a adaptação e fusão de estilos europeus com as condições e necessidades do novo território tropical. Durante o período colonial, que se estendeu de 1500 até o início do século XIX, as cidades foram planejadas para atender às demandas econômicas e religiosas da época. As primeiras construções eram simples, voltadas para a sobrevivência, mas, com o passar do tempo, as cidades começaram a adquirir uma forma mais sofisticada, especialmente a partir do ciclo do ouro, que trouxe riqueza e poder à região de Minas Gerais. A arquitetura colonial passou, então, a ser uma expressão do status social das elites, da fé religiosa e da adaptação ao novo contexto.

A cidade de Ouro Preto, com seu relevo montanhoso e sua rica história de exploração do ouro, exemplifica bem a fusão de influências europeias e soluções locais. As fachadas ornamentadas das igrejas, os casarões imponentes e as ruas de pedras revelam um estilo arquitetônico único, marcado pela presença do barroco e pela adaptação ao clima tropical. Em Ouro Preto, as construções resistiram ao desgaste do tempo, mantendo detalhes como janelas ornamentadas, telhados inclinados e portas robustas que ainda hoje encantam os visitantes e fotógrafos. A adaptação ao terreno acidentado levou à criação de construções com escadarias íngremes e ruas que se moldam ao formato do relevo.

Esses elementos arquitetônicos, que marcaram uma época de grande efervescência econômica e religiosa, não carregam apenas o peso histórico do Brasil colonial, mas também são parte essencial da identidade cultural do país. Ao longo dos séculos, essas construções deixaram de ser simples residências ou templos religiosos para se tornarem símbolos de uma época que moldou as bases da sociedade brasileira. A preservação dessas construções não se limita a um resgate do passado, mas é também uma forma de conectar as gerações atuais com suas raízes culturais. Cada edifício, rua e praça que resistiram ao tempo têm uma história para contar, seja sobre a religiosidade, a economia ou os conflitos sociais da época colonial.

A arquitetura colonial brasileira, portanto, vai além da simples estética. Ela reflete as complexas relações entre a colonização, a adaptação ao novo ambiente e a construção da identidade nacional. Ao estudar esse patrimônio, é possível compreender melhor as transformações pelas quais o Brasil passou e como essas construções se tornaram símbolos duradouros de nossa história. Assim, as cidades históricas, como Ouro Preto, com suas riquezas arquitetônicas, se tornam não apenas um ponto turístico, mas também um elo essencial entre o passado e o presente, mantendo viva a memória de um Brasil que, embora transformado ao longo dos séculos, ainda carrega em suas construções as marcas de sua origem.

1.4 A fotografia como ferramenta de investigação visual

A fotografia desempenha um papel crucial na investigação visual de espaços históricos, oferecendo uma nova perspectiva e proporcionando uma maneira única de compreender o patrimônio. Através das lentes, é possível reinterpretar lugares que, muitas vezes, tiveram suas histórias e significados obscurecidos pelo tempo. A luz natural, que incide sobre as fachadas das construções ao longo do dia, tem um impacto significativo nesse processo. Conforme a luz muda, ela transforma os cenários, criando diferentes atmosferas e alterando a percepção dos detalhes presentes nos edifícios e espaços urbanos.

O jogo entre luz e sombra é uma das principais características que a fotografia explora ao capturar a arquitetura. Dependendo do horário e do ângulo da captura, diferentes aspectos das construções se tornam visíveis. As sombras podem ressaltar relevos nas paredes, texturas nas pedras e até mesmo a simetria ou assimetria entre os elementos arquitetônicos, além de revelar características que, a olho nu, podem passar despercebidas. Dessa forma, a fotografia não apenas documenta o espaço, mas também traz à tona novos significados por meio de sua composição visual.

Nesse sentido, a fotografia vai além do simples registro; ela se torna uma forma de arte que propõe uma reinterpretação do passado. Cada imagem capturada é uma forma de ressignificação do que foi, transformando a história das cidades e suas construções em narrativas visuais carregadas de memória. Ao observar as fotografias, o espectador é

transportado para o contexto histórico do lugar e experimenta as sensações, os detalhes e as atmosferas que fazem parte da identidade daquele espaço.

A fotografia, portanto, não se limita a ser um mero instrumento de registro. Ela se torna uma ferramenta poderosa de investigação visual, capaz de criar uma ponte entre o passado e o presente. Por meio dela, o observador é convidado a ver o familiar de uma maneira diferente, a perceber nuances e significados que antes poderiam passar despercebidos. Ao capturar as complexidades da arquitetura e dos espaços urbanos, a fotografia contribui para preservar a memória de um lugar e, ao mesmo tempo, permite que essa memória seja reinterpretada, gerando novas conexões e entendimentos sobre o patrimônio histórico.

Desde o seu surgimento, a fotografia tem se mostrado uma ferramenta poderosa para a documentação, expressão artística e construção de memórias. Segundo Bauret (2010), o advento da fotografia em 1826 marcou uma nova era ao possibilitar a produção de imagens baseadas na ação da luz. Ao longo de quase dois séculos, a fotografia desenvolveu-se rapidamente, consolidando-se como uma arte visual que transcende técnicas e tecnologias. Como aponta Smith (2017, p. 6), esse desenvolvimento foi mais veloz que o de qualquer outra arte visual, transformando-se em um meio de materialização de memórias e narrativas.

Henri Cartier-Bresson (1908-2004), cofundador da Agência Magnum, revolucionou a fotografia ao introduzir o conceito de "momento decisivo" (Meucci, s/d, p. 1). Seu olhar sensível e atento permitia captar cenas cotidianas que passavam despercebidas pela maioria. Para Bresson, a luz natural das ruas e das vivências era essencial, pois transformava o mundo em seu estúdio, tornando a fotografia uma verdadeira arte. Essa abordagem reforça o papel do fotógrafo como mediador entre a realidade objetiva e a interpretação subjetiva, um aspecto também explorado por Kossoy (2005), que define a "realidade fotográfica" como uma representação iconográfica que transcende a mera aparência dos objetos.

A relação entre fotografia e memória é profunda. Como destaca Kossoy (2001), a fotografia é um registro visual que cristaliza instantes fugazes, oferecendo uma "memória visual do mundo". Esse caráter documental, aliado à capacidade de suscitar reflexões e debates, torna a fotografia uma ferramenta crucial para a compreensão de diferentes aspectos da vida social. Beaumont Newhall (1997) reforça essa ideia ao afirmar que a fotografia carrega consigo um elemento de "evidência ou prova", sendo ao mesmo tempo documental e subjetiva.

Nesse cenário, a chegada da câmera Kodak em 1888, a primeira a utilizar filme de rolo, democratizou a fotografia e permitiu que pessoas comuns registrassem seus próprios momentos. Isso contribuiu para a popularização da imagem fotográfica, que passou a ser amplamente utilizada na imprensa e no fotojornalismo. Segundo Queiroga (2012), o fotojornalismo fortaleceu-se ao combinar informação e sensibilidades artísticas, ilustrando narrativas de maneira visual e impactante.

Hoje, com o avanço das tecnologias digitais, a fotografia tornou-se ainda mais acessível e difundida. Dispositivos portáteis permitem a produção e compartilhamento instantâneo de imagens, expandindo as possibilidades criativas e comunicativas. Nesse contexto, Queiroga (2012) salienta que a diferença no trabalho do profissional está na compreensão do potencial estético e documental da fotografia, além de sua capacidade de comunicar e provocar reflexões.

No campo da fotografia documental, Lombardi (2007) destaca que essa prática envolve projetos de longa duração e apuração prévia, buscando representar temas de forma informativa e conceitual. Essa abordagem permite que o fotógrafo explore a realidade por meio de um olhar único, trazendo à tona questões que muitas vezes passam despercebidas no cotidiano. A fotografia documental, assim, é também um processo de interação entre o fotógrafo e o fotografado, como observado por Kossoy (2005), que argumenta que a narrativa visual é moldada pela cultura visual e pelas escolhas do fotógrafo.

Neste trabalho, inspirado por essas reflexões, busca-se explorar a relação entre luz, sombra e arquitetura histórica, destacando como esses elementos transformam a percepção das cidades coloniais. A produção fotográfica tem como objetivo não apenas documentar, mas também instigar o observador a refletir sobre a relação entre o espaço físico e as vivências que ele abriga, além de contribuir para a compreensão e valorização do patrimônio histórico e cultural.

1.5. Luz e Sombra: narrativas visuais da história

O contraste entre luz e sombra é um dos elementos mais poderosos na composição fotográfica, especialmente ao capturar espaços históricos carregados de memória e significado. Em cidades como Ouro Preto, a interação entre esses dois elementos agrega forma e profundidade às imagens, tornando-as não apenas representações visuais, mas também narrativas imersivas que convidam o observador a refletir sobre o tempo e a história.

As sombras, longe de serem simplesmente a ausência de luz, adicionam camadas de textura e emoção às cenas e criam uma atmosfera densa que evoca a dualidade entre o visível e o oculto. Elas nos fazem questionar o que está além do que podemos ver, ressaltando o mistério e as histórias não contadas que permeiam essas construções antigas.

Dessa forma, cada sombra projetada sobre as paredes de igrejas, casarões e ruas de pedras traz consigo a sensação de um passado distante, cheio de segredos e contradições. Em Ouro Preto, por exemplo, as sombras podem ser vistas como um eco do período colonial, um reflexo das dinâmicas sociais, das desigualdades e da opulência gerada pela exploração mineral. Ao mesmo tempo, a luz que incide sobre esses espaços traz uma sensação de revelação. Ela ilumina os detalhes da arquitetura e destaca a beleza das fachadas ornamentadas, os contornos das portas e janelas, e as texturas das pedras. A luz realça as linhas e formas, criando um diálogo entre a memória histórica e a contemporaneidade, onde o passado ainda vive e se manifesta no presente.

A fotografia, como ferramenta de investigação visual, permite explorar essa complexidade das narrativas criadas pela luz e sombra. Cada fotografia tirada em um espaço histórico, como Ouro Preto, não é apenas uma representação da realidade, mas uma imersão nas camadas temporais do lugar. A sombra de uma parede não é só a ausência de luz, mas um fragmento do passado que se estende até o presente, carregando com ela os ecos de uma época. Ao mesmo tempo, o raio de luz que toca esses elementos arquitetônicos revela a continuidade da vida nesses espaços, onde a história não está apenas no que foi, mas também no que permanece.

Dessa forma, o contraste entre luz e sombra não é apenas uma questão estética, mas uma linguagem visual que fala sobre o tempo, a memória e a transformação. Na fotografia de espaços históricos, essa relação visual se torna essencial para contar as histórias que os lugares guardam, convidando o espectador a se conectar com o passado de uma maneira mais profunda, como se cada sombra e cada feixe de luz fosse uma ponte entre épocas e experiências vividas.

2. A CONSTRUÇÃO VISUAL DA ARQUITETURA PELA FOTOGRAFIA

A fotografia é uma forma de expressão artística e técnica que depende de diversos elementos para criar narrativas visuais impactantes. A luz, em particular, é um dos principais componentes da composição fotográfica, especialmente quando se trata da fotografia de

arquitetura. Ao explorar espaços históricos, como os encontrados nas cidades coloniais brasileiras, a luz não apenas ilumina o ambiente, mas também constrói atmosferas capazes de transformar o significado de um espaço. A manipulação da luz e da sombra cria contrastes significativos, acentuando texturas, profundidades e detalhes sutis, fundamentais para a representação visual do patrimônio arquitetônico.

A leitura de *As Cidades Invisíveis* (CALVINO, 1990) foi central para reconhecer que a cidade não se limita ao que está visível. As construções coloniais de Ouro Preto, embora imponentes, não revelam por si só as múltiplas narrativas que constituem sua história. Conforme Calvino propõe, as cidades são feitas também de lembranças, desejos, silêncios e fragmentos. Nesse contexto, a fotografia torna-se um instrumento para revelar o invisível — aquilo que habita as entrelinhas do espaço, que não está imediatamente exposto, mas que pulsa na forma como a luz incide sobre as pedras ou como uma sombra atravessa um beco.

Ao adotar o conceito de fotografia imaterial, propõe-se uma prática que não visa apenas documentar, mas evocar. Essa abordagem compreende a imagem como uma experiência sensível e subjetiva, em que a técnica está a serviço da escuta visual. A escolha pelo uso exclusivo da luz natural e a recusa ao emprego de filtros ou equipamentos artificiais refletem a intenção de capturar os instantes como se apresentam, mantendo o compromisso com a verdade do momento e com a atmosfera que a cidade oferece.

2.1 A luz na fotografia: teoria e prática

A importância da luz na fotografia não se limita à sua função de iluminar, mas também se configura como uma linguagem visual capaz de transmitir emoções e significados. Segundo o artigo “A Arte da Luz na Fotografia” (*InstaArts*, s.d.), a manipulação da iluminação é essencial para criar atmosferas que evocam sentimentos específicos, além de destacar características visuais e simbólicas de um espaço. Ao controlar a intensidade, direção e qualidade da luz, o fotógrafo consegue transformar a percepção do ambiente e dar destaque a aspectos que, de outra forma, passariam despercebidos. Já no contexto da fotografia de arquitetura, especialmente de estruturas históricas, a luz se torna um agente fundamental para revelar detalhes ocultos da arquitetura colonial, como as texturas das paredes de pedra e as formas de telhados inclinados, aspectos essenciais para a compreensão da narrativa visual

proposta.

Outro elemento essencial que complementa a luz na fotografia é a sombra. As sombras não são apenas a ausência de luz; elas adicionam profundidade, textura e dramatismo às imagens, influenciando diretamente a percepção do observador. O artigo “Luz e sombra, mostrar e esconder: os efeitos de sentido e as estratégias da imagem fotográfica” (Franzon, 2012, pág 16.) explora como as sombras são utilizadas como ferramentas compositivas nas imagens, ajudando a criar narrativas visuais complexas. Elas não só contribuem para a profundidade da imagem, mas também direcionam o olhar do espectador para áreas específicas, muitas vezes revelando camadas ocultas do espaço. Nas fotografias de arquitetura colonial, as sombras podem destacar detalhes da fachada dos casarões e igrejas, sugerindo um contexto histórico e social muitas vezes ligado à exploração mineral e à opulência da época colonial.

A relação simbólica entre luz e sombra também ganha uma nova dimensão no contexto da arquitetura histórica. A luz não apenas ilumina os elementos arquitetônicos, mas também revela significados profundos e sutis, enquanto as sombras sugerem aspectos misteriosos e escondidos do passado. O estudo “Luz e sombra: uma interpretação de suas significações imaginárias nas imagens do cinema noir” (Lira, 2008) discute como as sombras, quando usadas de forma estratégica, podem evocar sentimentos de mistério e dramatismo, conceito que se aplica tanto à fotografia quanto ao cinema. No contexto das cidades coloniais, como Ouro Preto, as sombras carregam um simbolismo que remete aos segredos do passado, um passado marcado por contrastes sociais e econômicos.

Além de seu papel técnico e simbólico, a luz também desempenha uma função estética. O trabalho “Luz, sombra, penumbra e a criação de sentidos em ‘A erva do rato’” (Dobral e Sá, 2020, pág 23) investiga como a direção da luz pode criar efeitos específicos de sentido em uma narrativa visual. Embora esse estudo tenha sido originalmente voltado para o cinema, seus conceitos podem ser facilmente transpostos para a fotografia, especialmente no que diz respeito à criação de atmosferas densas e emocionais. No caso da fotografia arquitetural, a luz e a sombra podem realçar ou suavizar as qualidades das construções, dependendo de como a cena é iluminada.

Por fim, a fotografia de arquitetura não pode ser analisada apenas como uma forma técnica de documentação, mas também como uma interpretação artística dos espaços. A escolha da luz, o uso das sombras e a manipulação de cada elemento visual se tornam aspectos centrais para a construção de uma narrativa que vai além da simples reprodução de uma imagem. A relação entre fotografia e arquitetura, como destacado no artigo de Nizar

Escandar, “Luz e sombra na fotografia: Como usar a criatividade a seu favor?”¹, do blog eMania, mostra que a criatividade no uso de luz e sombra pode não só enriquecer a imagem, mas também criar novas formas de ver e entender o espaço arquitetônico, dando-lhe significados mais profundos.

Em resumo, luz e sombra desempenham papéis complementares na construção de narrativas visuais no campo da fotografia de arquitetura. Ao manipular esses elementos, o fotógrafo não apenas ilumina os aspectos físicos de um edifício, mas também explora os significados históricos e simbólicos que ele carrega. Nesse contexto, a fotografia se torna uma ferramenta poderosa para recontar a história das cidades coloniais e das construções que resistem ao tempo, revelando sua complexidade e suas múltiplas camadas de significado.

A luz é um dos elementos essenciais na fotografia, não apenas como recurso técnico, mas também como uma linguagem visual capaz de transmitir emoções, narrativas e significados. Em contextos arquitetônicos, a luz vai além de iluminar os espaços; ela é um componente que pode transformar completamente a percepção de um ambiente. Segundo o artigo “A Arte da Luz na Fotografia” (*InstaArts*, s.d.), a manipulação da iluminação é fundamental para criar atmosferas únicas que destacam os detalhes mais sutis de uma cena. A luz natural, que incide sobre os edifícios ao longo do dia, pode revelar aspectos inesperados de uma construção, como a textura das pedras ou os detalhes ornamentais das fachadas, além de criar um elo entre o espectador e a história daquele espaço.

A intensidade, direção e qualidade da luz são decisivas para a forma como um edifício é retratado. Cada variação de luz pode alterar a leitura de um espaço, criando diferentes sentimentos e interpretações. A luz suave e difusa pode transmitir serenidade e tranquilidade, enquanto a luz dura e intensa cria contrastes dramáticos que chamam a atenção para detalhes específicos da arquitetura. Esse controle sobre a luz permite ao fotógrafo não apenas capturar, mas também interpretar o espaço, comunicando sensações e histórias que vão além do simples registro visual. No caso da fotografia de arquitetura colonial, a luz pode ressaltar a grandiosidade e os aspectos artísticos dos edifícios históricos, conferindo-lhes uma dimensão temporal e emocional.

Em uma perspectiva mais simbólica, a luz é uma forma de conectar o passado ao presente, criando um elo entre as gerações. Quando aplicada à fotografia de cidades históricas, como Ouro Preto, a luz resgata e destaca a beleza da arquitetura colonial,

¹ **Nizar Escandar.** Luz e sombra na fotografia: como usar a criatividade a seu favor? *eMania*, 9 jun. 2017. Disponível em: <https://blog.emania.com.br/luz-e-sombra-na-fotografia-como-usar-criatividade-seu-favor/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

permitindo que o público contemple a imensidão e os detalhes de estruturas que carregam em si uma carga histórica profunda. A manipulação da luz permite que o fotógrafo crie uma experiência sensorial para o espectador, tornando a fotografia um meio não só de registrar, mas de sentir o espaço.

2.2 Sombra como elemento compositivo: criando narrativas visuais

Embora muitas vezes sejam vistas apenas como ausência de luz, as sombras desempenham um papel crucial na composição fotográfica, especialmente quando se trata de espaços arquitetônicos. Elas são responsáveis por adicionar profundidade, contraste e complexidade à imagem, criando uma dinâmica que chama a atenção para detalhes que poderiam ser ignorados. Segundo o artigo “Luz e sombra, mostrar e esconder” (Frazon, 2012), as sombras têm o poder de evocar sentimentos de mistério, dramatismo ou tranquilidade, dependendo da maneira como são manipuladas. Elas não são apenas elementos passivos, mas sim componentes ativos que ajudam a construir a narrativa visual de uma fotografia.

Na fotografia de arquitetura, as sombras revelam texturas ocultas, destacam volumes e formam um elo entre a luz e a construção. Em cidades históricas, como Ouro Preto, as sombras criadas pelas fachadas dos casarões e igrejas dão forma e caráter aos edifícios, evidenciando sua tridimensionalidade. Esse jogo entre luz e sombra pode ressaltar a magnificência da arquitetura colonial, mas também pode sugerir a opressão e as contradições de um passado marcado pela exploração mineral e pelas desigualdades sociais. As sombras, portanto, não são apenas um detalhe estético, mas uma forma de enriquecer a história e o significado do espaço e de oferecer uma visão mais profunda e complexa do passado.

Além disso, as sombras também funcionam como guias visuais que direcionam o olhar do espectador. Elas podem ser usadas estrategicamente para criar foco, enfatizando determinados detalhes da construção, ou para esconder outros aspectos, gerando uma sensação de mistério. Esse uso criativo das sombras na fotografia permite ao fotógrafo contar histórias que vão além da imagem estática, convidando o espectador a explorar os significados ocultos e as camadas de história presentes no espaço arquitetônico.

2.3 Fotografia e Arquitetura: uma interseção artística e técnica

A fotografia e a arquitetura compartilham uma relação profunda e intrínseca, pois ambas buscam capturar e traduzir espaços de maneira que despertem curiosidade, encanto e reflexão. A fotografia de arquitetura, como menciona o estudo “Luz e sombra: uma interpretação de suas significações imaginárias nas imagens do cinema noir” (Lira, 2008), não se limita a registrar edificações; ela visa transformar o espaço em uma obra visualmente impactante. Assim como no cinema *noir*, em que a iluminação dramática é usada para construir atmosferas densas e intrigantes, a fotografia de arquitetura pode se beneficiar da manipulação de luz e sombra para criar imagens que não só documentam, mas também evocam uma resposta emocional do espectador.

O trabalho fotográfico em arquitetura exige uma abordagem artística e técnica, em que o fotógrafo precisa entender e explorar a interação entre luz, sombra e a estrutura do edifício. A arquitetura, por sua natureza, é uma arte visual que já carrega em si significados e simbolismos. No entanto, ao ser capturada pela lente da câmera, ela ganha novas interpretações, provocadas pela forma como a luz incide sobre suas superfícies e pela maneira como as sombras podem alterar sua percepção. A fotografia de arquitetura, portanto, não é apenas uma representação do espaço, mas uma recriação do ambiente que permite uma nova leitura e compreensão do lugar.

A interseção entre fotografia e arquitetura se reflete também na possibilidade de se explorar os aspectos históricos e culturais de um edifício por meio da luz e das sombras. Ao aplicar técnicas fotográficas apropriadas, o fotógrafo pode enfatizar os elementos que são representativos de uma época, como no caso da arquitetura colonial. A luz pode destacar a opulência de uma fachada, enquanto as sombras podem sugerir os aspectos mais sombrios e complexos dessa história. A fotografia, nesse contexto, se torna uma ferramenta poderosa para recontar a história da arquitetura, fazendo com que o espectador mergulhe no passado e sinta as emoções e os significados que ele carrega.

3. RESULTADO DO TRABALHO: A INTERAÇÃO ENTRE LUZ, SOMBRA E ARQUITETURA COLONIAL

Este trabalho fotográfico, que tem como foco a relação entre luz, sombra e a arquitetura colonial, reflete um processo criativo que busca explorar a profundidade e a riqueza estética das construções históricas nas cidades coloniais brasileiras. As imagens selecionadas para este memorial resultam de um trabalho técnico minucioso, onde cada elemento visual foi cuidadosamente pensado e composto para enfatizar a essência e a beleza da arquitetura histórica.

A luz, conforme abordado em estudos como “A Arte da Luz na Fotografia” (*InstaArts*, s.d.), é mais do que um simples recurso técnico. Ela tem o poder de transformar a percepção do espaço, criando atmosferas que evocam diferentes emoções e sensações. Neste trabalho, a luz foi explorada como um elemento essencial para ressaltar as qualidades visuais da arquitetura colonial. O objetivo foi não apenas iluminar os espaços, mas também destacar detalhes ocultos e simbólicos das construções, como as texturas das fachadas e a complexidade das formas. Dessa forma, a luz foi manipulada para dar forma ao caráter emocional da fotografia, criando uma atmosfera que liga o passado ao presente e permitindo que o espectador se conecte com a história daquele ambiente.

Em complemento à luz, as sombras também desempenharam um papel crucial neste trabalho. Como mencionado em “Luz e sombra, mostrar e esconder: os efeitos de sentido e as estratégias da imagem fotográfica” (Franzon, 2012), as sombras são elementos compositivos fundamentais na fotografia. Elas não são apenas a ausência de luz, mas sim uma ferramenta poderosa para adicionar profundidade, textura e dramatismo às imagens. Nas fotografias de arquitetura colonial, as sombras foram usadas de forma estratégica para destacar detalhes importantes, como colunas, portas e janelas, além de sugerir uma sensação de mistério e camadas ocultas da história do espaço. As sombras também ajudaram a guiar o olhar do espectador, oferecendo uma narrativa visual que vai além da simples documentação.

Durante a criação dessas imagens, buscou-se também refletir a simbologia da luz e sombra em um contexto histórico. Em *Luz e sombra: uma interpretação de suas significações imaginárias nas imagens do cinema noir* (Lira, 2008), o autor discute como as sombras podem evocar sentimentos de mistério e tensão. Esse conceito foi transposto para a fotografia de

arquitetura colonial, onde as sombras não só ajudam a construir a estética da imagem, mas também sugerem um olhar mais profundo sobre o passado das construções. As sombras, ao serem utilizadas de forma estratégica, criaram uma narrativa que remete à história colonial e aos contrastes de classe e poder que marcaram esse período.

A interação entre luz e sombra também trouxe uma sensação de dinamismo e emoção à fotografia. Referências como "Luz, sombra, penumbra" e a criação de sentidos em "A erva do rato" (Dobral e Sá, 2020) foram essenciais para entender como esses elementos podem ser utilizados para criar atmosferas densas e emocionais. A partir dessas influências, procurei utilizar a luz e a sombra para criar diferentes tonalidades nas imagens, variando entre momentos de serenidade e drama, conforme a arquitetura e o contexto histórico exigiam. As imagens foram compostas com o objetivo de destacar a grandiosidade e a complexidade das construções coloniais, ao mesmo tempo em que busquei transmitir o sentimento de resistência e permanência que essas construções representam ao longo do tempo.

Assim, o resultado deste trabalho fotográfico não é apenas uma coleção de imagens de edifícios históricos. Ele representa uma interpretação da arquitetura colonial mediada pela luz e pela sombra, com o intuito de proporcionar uma experiência sensorial e emocional para o espectador. Através do uso dessas ferramentas visuais, busquei não apenas registrar a aparência física das construções, mas também capturar suas histórias e significados profundos, criando uma narrativa visual que dialoga com o passado e permite uma nova forma de compreensão dessas estruturas. Cada imagem foi pensada para levar o espectador a uma viagem no tempo, para que ele possa sentir e refletir sobre o que essas construções significam não apenas em termos arquitetônicos, mas também como testemunhas de um contexto histórico multifacetado e complexo.

3.1 Projeto do Fotolivro

O fotolivro (ou *photobook*, em inglês) é uma obra autoral que utiliza a fotografia como linguagem principal para construir uma narrativa visual, muitas vezes acompanhada por textos que complementam ou expandem o significado das imagens. Diferente de um catálogo ou álbum de fotografias, o fotolivro é pensado como uma obra coesa, com início, meio e fim, onde a sequência das imagens, o ritmo, o design gráfico e os elementos textuais formam uma narrativa visual articulada.

Segundo Martin Parr e Gerry Badger (2004), no livro *The Photobook: A History*, o fotolivro é uma forma de expressão artística e documental que ganhou força no século XX, sendo considerado um dos meios mais relevantes para a circulação de trabalhos fotográficos autorais. Para os autores, o fotolivro permite ao fotógrafo ter controle total sobre a ordem das imagens, sua diagramação e, sobretudo, sobre a construção do sentido narrativo da obra.

Este projeto se insere dentro desse gênero, sendo concebido não apenas como uma coletânea de fotografias de Ouro Preto, mas como uma narrativa sensível construída por meio da interação entre luz e sombra, com intencionalidade estética, poética e crítica. O fotolivro aqui apresentado busca criar uma experiência de leitura visual, onde cada imagem tem um papel específico na construção de significados, convidando o leitor a olhar para o patrimônio histórico e o cotidiano urbano de maneira mais profunda.

O ponto de partida para a realização deste trabalho foi a imersão na cidade e a exploração de sua essência histórica, cultural e visual. A proposta central foi construir uma narrativa que evidenciasse a interação única entre luz e sombra na arquitetura colonial, destacando como esses elementos transformam a percepção e o significado dos espaços urbanos. A pesquisa partiu de conversas informais com moradores, historiadores locais e pessoas que vivem o cotidiano da cidade. Cada troca de experiência contribuiu para a construção de um olhar mais apurado sobre os detalhes que fazem deste lugar uma joia histórica e cultural. Ao caminhar pelas ruas, observar as fachadas desgastadas pelo tempo e testemunhar a convivência entre o passado e o presente, foi possível entender como cada detalhe carrega uma história que merece ser preservada.

A fotografia, neste trabalho, assume um papel essencial: ela não apenas ilustra, mas também registra e materializa momentos de uma forma que ultrapassa o efêmero. As imagens captadas com luz natural, sem interferência de equipamentos artificiais, buscam transmitir a honestidade do instante vivido. Para isso, foram utilizadas câmeras e lentes adequadas para capturar nuances de luz e sombra entre as 7h e 17h, horários em que a iluminação proporciona maior riqueza de contrastes. Os registros incluem cenas cotidianas de moradores em atividades simples, paisagens urbanas que revelam a convivência entre o natural e o arquitetônico, e detalhes de fachadas, capelas e telhados que carregam o peso da história.

Além do registro visual, os textos que acompanham cada fotografia foram cuidadosamente elaborados para complementar a experiência do leitor. Combinando informações históricas,

poesias e reflexões pessoais, eles convidam a uma imersão sensorial que vai além do olhar. As narrativas textuais também levantam questionamentos sobre a preservação do patrimônio cultural e ambiental da cidade, além de sensibilizar o leitor sobre a importância desse cuidado. O processo criativo envolve não apenas técnica, mas também a busca por uma conexão emocional com cada registro. Um trabalho desafiador, que lida com as limitações impostas pela iluminação natural e pela dinâmica da cidade, onde cada segundo era precioso para capturar a essência do momento. Apesar dessas dificuldades, acredita-se que o resultado reflete a autenticidade do trabalho e a riqueza das histórias contidas em cada imagem.

O projeto gráfico foi planejado para valorizar a simplicidade e permitir que o leitor aprecie as fotografias em sua totalidade. Textos curtos e diretos acompanham as imagens, oferecendo contexto sem distrair o leitor da experiência visual. O objetivo foi criar uma obra que seja ao mesmo tempo informativa e sensível, convidando à contemplação e à reflexão. Espera-se que este fotolivro inspire os leitores a valorizar não apenas a cidade retratada, mas também as histórias que cada espaço, pessoa e elemento arquitetônico carregam. Por fim, deseja-se que ele sirva como um convite à preservação do patrimônio histórico e como uma celebração da relação única entre luz, sombra e memória.

O fotolivro foi desenvolvido com o objetivo de apresentar uma visão detalhada e acessível da cidade de Ouro Preto, principalmente em formato digital, com a intenção de ser impresso, caso os recursos necessários sejam obtidos. A proposta é que o fotolivro seja acessível à rede pública de ensino da cidade, permitindo que todos tenham a oportunidade de conhecer a cidade de uma forma mais profunda.

A produção das imagens foi realizada com uma câmera Nikon D750, equipada com uma lente de 35mm, que possibilitou a captura de detalhes e texturas, criando uma aproximação mais íntima das cenas e da arquitetura histórica da cidade. Algumas imagens também foram feitas com o iPhone 15 Pro Max, aproveitando suas capacidades fotográficas e a praticidade de uso. A escolha de não utilizar drones na produção das imagens se deve ao desejo de evitar uma visão de grande amplitude, típica dessas ferramentas, preferindo uma abordagem mais próxima e pessoal, que transmitisse a sensação de proximidade.

O modelo estético do fotolivro foi pensado a partir de uma proposta minimalista e sensível ao conjunto visual, com o objetivo de proporcionar ao leitor uma imersão quase sensorial no

ambiente retratado. Ao abrir o livro, a intenção é que se tenha a sensação de estar diante da cena, como se fosse possível caminhar por entre as imagens e silêncios da cidade.

A diagramação aposta na variação e no ritmo visual como forma de conduzir essa experiência: há uma intercalação entre páginas com uma única imagem em destaque, ocupando todo o espaço do fotolivro, e outras com imagens menores, acompanhadas de espaços em branco e textos. Esse respiro visual foi pensado não apenas como alívio estético, mas também como ferramenta narrativa, delimitando onde o olhar deve repousar e onde ele pode se expandir.

As escolhas tipográficas seguem a mesma linha: fontes simples, de fácil leitura, sem excessos, para não competir com a força das imagens. As cores também foram mantidas neutras, criando uma base silenciosa que valoriza tanto o conteúdo fotográfico quanto os textos curtos e reflexivos.

Esses elementos — cores, fontes, espaços em branco e o ritmo da diagramação — foram organizados para que a leitura aconteça em camadas: ora mais contemplativa e visual, ora mais textual e íntima. Assim, cada virada de página convida a uma pausa, a um novo olhar, permitindo que o leitor desbrave o fotolivro de forma fluida e envolvente.

Caso o fotolivro seja impresso, o material escolhido será de alta qualidade, com cores vibrantes e uma resolução que preserva a nitidez das imagens, para garantir que o impacto visual e a representação da cidade de Ouro Preto sejam mantidos.

CONCLUSÃO

O fotolivro desenvolvido neste projeto é mais do que um exercício técnico ou uma proposta estética — ele é um encontro entre história, identidade e memória, costurado pela luz e pela sombra que habitam a arquitetura colonial de Ouro Preto. Através da fotografia, busquei revelar não só o que se vê, mas aquilo que se sente ao caminhar pelas ladeiras dessa cidade que carrega, em cada pedra, marcas de um passado grandioso e doloroso. A composição das imagens — organizada de forma temática e cronológica — foi pensada para contar histórias que atravessam o tempo, convidando o leitor a mergulhar numa narrativa visual onde beleza e crítica caminham juntas.

A fotografia foi a linguagem que encontrei para expressar o que palavras, muitas vezes, não alcançam. Cada registro carrega uma escuta, uma espera, uma entrega. E ao lado das imagens, os textos trazem não apenas dados históricos ou reflexões poéticas — são pedaços de mim, da minha escuta sensível, da minha caminhada como mulher preta e fotógrafa nascida e criada em Ouro Preto.

Eu venho do bairro São Cristóvão. Foi ali, entre os becos e vielas, que peguei pela primeira vez numa câmera, aos 15 anos, e comecei a olhar o mundo com outros olhos. Ser mulher preta e artista dentro de uma cidade tão simbólica como Ouro Preto é também um ato de resistência. Cresci ouvindo histórias sobre minha cidade, mas precisei de coragem para construir minha própria narrativa, com meu próprio olhar, com minha própria luz.

Hoje, sigo fotografando casamentos, festas, histórias — muitas vezes vestida com roupas de época —, transitando entre o passado e o presente, entre a memória e o agora. Cada ensaio que faço é também uma forma de caminhar pelas ruas que sempre admirei, agora com um senso maior de pertencimento e responsabilidade. Meu coração pulsa mais forte no bairro do Rosário, onde a presença do colonial se impõe com uma beleza bruta, quase silenciosa. Gosto de sentar em cafés dali e apenas observar. Nesses momentos, o tempo parece suspenso, como se a cidade sussurrasse segredos antigos aos que sabem escutar com os olhos.

Este fotolivro é, portanto, mais que um projeto: é uma extensão da minha vida. É um tributo ao lugar que me formou como pessoa, artista e cidadã. Ele não só documenta o patrimônio arquitetônico de Ouro Preto, mas traduz minha relação íntima com a cidade — uma relação construída entre afetos, contradições, beleza e luta. A cidade é mais do que cenário: é matéria viva, é memória coletiva, é raiz.

A fotografia, aqui, afirma-se como ferramenta de expressão e também de resistência. Ela nos permite questionar as relações entre passado e presente, revelar camadas esquecidas e provocar novas formas de ver e sentir. Este trabalho, que começou com um olhar técnico sobre luz e sombra, tornou-se um grito silencioso por preservação, por reconhecimento, por pertencimento. Tornou-se uma maneira de dizer que a história das cidades não está apenas nos livros, mas também nos corpos que a habitam — nos olhares atentos, nas mãos que criam, nas vozes que resistem.

Ao final, minha esperança é que este fotolivro toque quem o lê e o vê. Que inspire a cuidar do que é nosso, a valorizar as memórias que construíram nossas ruas, nossos bairros, nossas

vidas. Que seja, sobretudo, um convite a refletir sobre o que desejamos levar adiante como herança cultural. Porque preservar Ouro Preto é também preservar histórias como a minha — que nasceram à sombra de suas igrejas, mas cresceram buscando a luz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos da história colonial**. Brasil: Centro Edelstein, 2009.

ARTEREF. **Diferença entre rococó e barroco**. Disponível em: <https://arteref.com/movimentos/diferenca-entre-rococo-e-barroco/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

ARCHTRENDS. **Arquitetura barroca**. Blog Archtrends. Disponível em: <https://blog.archtrends.com/arquitetura-barroca/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CASTRIOTA, Leonardo B. **Intervenções sobre o patrimônio urbano: modelos e perspectivas**. In: Forum Patrimônio: amb. constr. e patr. sust. Belo Horizonte, 2007.

CRETELLA JÚNIOR, José. **Comentários à Lei da Desapropriação (Constituição de 1988 e leis ordinárias)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1992.

CHUVA, Márcia R. R. **Os arquitetos da memória: Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

COSTA, Everaldo B. da. **Totalidade Urbana e Totalidade-Mundo: As cidades coloniais barrocas face à patrimonialização global**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Dobal, S. M.; SÁ, A. C. R. M. de. Luz, sombra, penumbra e a criação de sentidos em *A erva do rato*. *Galáxia (São Paulo)*, n. 45, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25532020346771>. Acesso em: 16 de fev de 2025.

DUCURON, Julio. **Teoria Do Cor: Cores terciárias, quaternárias e neutras. Matiz. Tons e valores. As cores do pintor**. N.p.: Amazon Digital Services LLC - Kdp, 2020.

ESCANDAR, Nizar. Luz e sombra na fotografia: como usar a criatividade a seu favor? *Blog eMania*, 9 jun. 2017. Disponível em: <https://blog.emania.com.br/luz-e-sombra-na-fotografia-como-usar-criatividade-seu-favor/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

FARIA, Ana Cristina. **Casa de morar: a relação entre cultura e arquitetura residencial em Ouro Preto - MG no século XVIII**. 2013. 56 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.

FARINA, M. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. Brasil: Blucher, 2011.

FRANZON, Érica Cristina de Souza. **Luz e sombra, mostrar e esconder: os efeitos de sentido e as estratégias da imagem fotográfica em magnum in motion**. 2012. 150 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2012.

FUJIFILM BRASIL BLOG. **4 dicas de como usar a sombra na fotografia de forma incrível**. Fujifilm Brasil Blog. Disponível em: <https://www.fujifilm.com.br/blog>. Acesso em: 15 jan. 2025.

IPHAN. História - Ouro Preto (MG). Página inicial - Conjuntos Urbanos Tombados. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1493/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

INSTAARTS. A arte da luz na fotografia. *Blog InstaArts*, [s.d.]. Disponível em: <https://instaarts.com/sem-categoria/a-arte-da-luz-na-fotografia/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

LIRA, Bertrand de Souza. **Luz e sombra: uma interpretação de suas significações imaginárias nas imagens do cinema expressionista alemão e do cinema noir americano**. 2008. 326 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

MAGNUM IN MOTION. **Luz e sombra, mostrar e esconder: os efeitos de sentido e as estratégias da imagem fotográfica em Magnum In Motion**. Repositório UNESP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MACHADO, Lorival Gomes. **Barroco Mineiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

MONTEZUMA, Roberto. **Arquitetura Brasil 500 anos**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

MOTTA, Lia. **O SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 22, 1987.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SANTOS, J. P. **Luz, sombra, penumbra e a criação de sentidos em "A erva do rato"**. SciELO. Disponível em: <https://www.scielo.org>. Acesso em: 15 jan. 2025.

SILVA, M. F. **Luz e sombra: uma interpretação de suas significações imaginárias nas imagens do cinema expressionista alemão e do cinema noir americano**. Repositório UFRN. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br>. Acesso em: 15 jan. 2025.

SOUZA, Washington Peluso Albino de. **Ensaio sobre o Ciclo do Ouro/ Fenômeno Cultural Mineiro/ Tratado de Methuen**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1978.

TELLES, Augusto C. da Silva et al. **Arquitetura na Formação do Brasil**. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2006.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica: Formação e desenvolvimento - Residências**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HICKER, Paulo César. *A cidade e seus excluídos: espaço urbano, segregação e invisibilidade social*. São Paulo: Contexto, 2008.

PARR, Martin; BADGER, Gerry. *The Photobook: A History*. Volume I. Londres: Phaidon Press, 2004.